

## **Meninas entrando em campo.... resultados preliminares do preconceito vivido por meninas no futebol**

Natane da Silva Vicente<sup>1</sup>  
Edson Farret da Costa Júnior<sup>2</sup>  
Claudia Lobão de Oliveira<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo identificar os preconceitos sofridos pelas mulheres durante a prática do futebol feminino. Para contextualizar o estudo, partimos do conceito histórico da modalidade passando desde o período proibitivo até a retomada da modalidade, e o gênero dentro do futebol para assim entendermos melhor sobre os percalços vividos fora das quatro linhas. Desta forma, cabe indagar quais as dificuldades vividas pelas mulheres que praticam o futebol feminino? Utilizou-se como metodologia uma pesquisa de abordagem qualitativa através de um Estudo de Caso, realizado no Projeto Karanba de Futebol, na cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro com 30 indivíduos do sexo feminino, com média de idade de 20 anos. Todas foram informadas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O instrumento utilizado foi um questionário fechado com 6 perguntas selecionadas dos estudos de Santos, Oliveira e Wichi (2018) objetivando investigar o preconceito sofrido por atletas praticantes de futebol feminino. Observou-se que 30% das entrevistadas afirmam que sofreram questionamentos sobre sua sexualidade, muitas meninas são questionadas ou excluídas por conta do seu estereótipo. Isso ocorre por conta do seu corte de cabelo curto, muitas preferem roupas largas e grandes, e por isso poderiam ser homossexuais, e assim sofrem discriminação por parte do público que acompanha os jogos, 23% afirmam que sofreram algum tipo de experiência definidas como algum tipo de preconceito, ficou evidente que os questionamentos e experiências definidas como preconceitos sempre vem atreladas a prática do futebol. Com os resultados obtidos, podemos concluir como o preconceito ainda está presente de

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação da Universidade Salgado de Oliveira do curso de Educação Física, campus São Gonçalo.

<sup>2 3 4</sup> Professores de graduação da Universidade Salgado de Oliveira do curso de Educação Física, campus São Gonçalo.

forma expressiva, nos trazendo uma real noção que as meninas ainda sofrem preconceito dentro do futebol.

**Palavras-chave:** Futebol feminino; preconceito; gênero; sexualidade.

**ABSTRACT:** This study aims to identify the prejudices suffered by women during the practice of women's football. To contextualize the study, we start from the historical concept of the modality, passing from the prohibitive period until the resumption of the modality, and the gender within the soccer in order to better understand the mishaps experienced outside the four lines. So, what are the difficulties experienced by women who practice women's football? A qualitative research was used as a methodology through a Case Study, carried out in the Karanba Football Project, in the city of São Gonçalo, in the state of Rio de Janeiro, with 30 female subjects, with a mean age of 20 years . All were informed and signed the Term of Free and Informed Consent. The instrument used was a closed questionnaire with 6 questions selected from the studies of Santos, Oliveira and Wichi (2018) aiming to investigate the prejudice suffered by athletes practicing women's football. It was observed that 30% of respondents said they had been questioned about their sexuality, many girls are questioned or excluded because of their stereotype. This is because of their short haircut, many prefer large and large clothes, and therefore could be homosexual, and thus suffer discrimination by the public that accompanies the games, 23% claim that they suffered some kind of experience defined as some type of prejudice, it became evident that the questions and experiences defined as prejudices always come linked to the practice of football. With the results obtained, we can conclude how the prejudice is still present in an expressive way, bringing us a real notion that girls still suffer prejudice within football. Key-words: Female Soccer; Prejudice; Gender; Sexuality.

## **1. Introdução**

Estudos relacionados à prática do futebol feminino no Brasil, nos traz alguns fatores históricos que contextualizam que as mulheres tiveram dificuldades para desenvolver o futebol por conta de decretos oficiais que impediam que as mesmas

praticassem o esporte, fazendo com que o desenvolvimento da modalidade no Brasil fosse menor que o futebol masculino. (GOELLNER, 2005)

Cabe indagar sobre como seria o preconceito e as dificuldades que as mulheres encontraram para a prática do futebol, respondendo a esse questionamento, Franzini (2005) aborda que alguns “zelosos” esportistas que viam com repulsa, as mulheres jogando futebol, um deles chamado José Fuzeira, escreveu uma carta ao presidente da época Getúlio Vargas para chamar atenção para o desastre que estava prestes a acontecer com a mocidade feminina brasileira.

Começaram a circular algumas indagações condenando o futebol feminino, na década de 1940 alguns discursos médicos, penalizavam essa prática. (COSTA, 2016 p.381)

Segundo Moura (2003) citada por Costa (2016 p.381) ressalta que a DR Humberto Ballariny, destacava que essa atividade violenta e “exacerbadora” do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com a mulher. “Relatos como este demonstravam como as mulheres que praticavam futebol naquela época eram alvo de preconceitos.”

O Decreto-Lei 3.199<sup>a</sup> que foi instituído em 1941, cuja sua resolução proibia as mulheres de praticarem atividades esportivas. (SALVINI 2016 & MARCHI JÚNIOR 2016).

Depois de quase 40 anos de proibição, finalmente no ano de 1980 revogaram-se as leis que proibiam às mulheres as práticas esportivas e assim surgiram times de futebol feminino, como o Radar no Rio de Janeiro, mas as dificuldades continuaram assim a modalidade teve problemas para se expandir-se completamente. (FRANZINI, 2005)

Segundo Franzini (2005p. 325) Hoje, passando mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estado novista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo – “coisa de homem”, lembre; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o país do futebol

assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais um lugar de exílio.

Segundo com Carmona Poll (2006), apud COSTA (2016) O Esporte Clube Radar foi criado em 1932 e em 1981 seu departamento de futebol feminino, inicialmente jogando na areia, quadra e finalmente no campo, o Radar teve um papel fundamental no processo de institucionalização da modalidade.

De acordo com Costa (2016 p.381) principalmente em razão da organização, da conquista e pelo reconhecimento que alcançou nacionalmente e internacionalmente, o Esporte Clube Radar tornou-se uma das referências da história do futebol feminino pós o período proibitivo.

O Radar colecionou títulos nacionais e internacionais como o Women's Cup of Spain, derrotando seleções como França, Espanha e Portugal. A CBF já tinha cadastrado dois mil clubes e 40 mil jogadoras no ano de 1987, no ano seguinte o Rio de Janeiro organizou o campeonato estadual, e a primeira seleção nacional foi convocada e conquistou o terceiro lugar no inédito Mundial da China. (DARIDO, 2002 p.3)

É importante salientar que mesmo com todo o retardo que a modalidade sofreu no ano de 1999, o Brasil conquistou a medalha de bronze na Copa do Mundo feminina, e no ano seguinte a medalha de prata em Sydney (2000), porém esses resultados não foram capazes de alavancar a modalidade. (FRANZINI, 2005 p.325)

Já nas Olimpíadas de Atenas (2004) e Pequim (2008) o Brasil conquistou medalha de prata e em Londres (2012), não obteve medalha. (GAZETA DO POVO, 2012<sup>3</sup>). Na Olimpíada do Rio (2016) chegou à quarta colocação. (O TEMPO, 2016<sup>4</sup>)

## **1.2 Gênero e as desigualdades dentro do futebol.**

Por muito tempo as diferenças entre os corpos do homem e da mulher foram vistas com patamares diferentes, o corpo do homem tem uma supervalorização em relação ao da mulher. (FERRETTI et al, 2011).

---

<sup>3</sup> Site do jornal esportivo Gazeta do Povo  
<sup>4</sup> Site do jornal eletrônico O Tempo

Segundo Scott (1995) citado por Ferreti et al, (2011).

A qual afirma que “gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social”, segundo a autora, para compreendermos como funciona o gênero deve-se buscar o significado do sujeito individual, a organização social e suas articulações.

Partindo do conceito de gênero, dizem que biologicamente ninguém é naturalmente, homem ou mulher, masculino ou feminino, esses conceitos são construídos socialmente através do processo educacional, de identidades de sexo e gênero. Feminilidade e masculinidade não apresentam significado fixo. (CARVALHO, 2004)

Segundo BOURDIEU, (1999, p.23) apud Carvalho (2004), Gênero é um conceito relacional e uma estrutura de dominação simbólica: os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação e as relações de gênero são relações de poder em que “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas”.

“A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quando mais machista, ou sexista, ela for mais exacerbada as suas réplicas”. (FRANZINI, 2005 p.316)

Alguns questionamentos vão muito além dos gramados, as jogadoras além de provar sua heterossexualidade através do corpo dentro do conceito e expectativas sociais de sua feminilidade, com seu corpo de mulher, elas devem ser belas corporalmente, para que possam atrair o público masculino heterossexual, para suas apresentações na TV, deixando de lado suas competências e habilidades para tal prática esportiva. A idéia de tornar as jogadoras heterossexualmente desejáveis, pelo público masculino seria uma forma de esconder a homossexualidade de

algumas jogadoras, assim sendo uma maneira de não causar repulsa em telespectadores homofóbicos (FERRETTI et al, 2011).

### **1.3 Projeto Karanba de Futebol**

Um breve relato da história do Projeto Karanba de Futebol que será objeto de estudo para esse trabalho.

O projeto foi fundado em 01/10/2006 no Rio de Janeiro pelo ex-jogador profissional de futebol, o norueguês Tommy Nilsen, com o objetivo de mudar vidas.

Em uma viagem de férias ao Rio de Janeiro, Tommy ficou chocado com a realidade encontrada no nosso país e resolveu fazer algo para mudar essa triste realidade, assim fundou a instituição, o nome Karanba é um jogo de palavras sobre "Caramba", que para ele foi a palavra que mais descrevia o que ele sentia quando viu tantas desigualdades sociais e econômicas no Brasil.

O objetivo principal do Karanba é usar o futebol como ferramenta de inclusão social para um grande número de meninos e meninas, com o objetivo de desenvolvimento pessoal, educacional e profissional, trabalhando para que esses jovens tenham um futuro melhor. A igualdade de gênero é um assunto pertinente no Karanba, meninos e meninas tem as mesmas oportunidades sejam elas esportivas, educacional ou profissional, desde seu lançamento o Karanba faz uma viagem pela Escandinávia passando por 3 países diferentes Noruega, Suécia e Dinamarca, o principal objetivo da viagem é que meninos e meninas tenham oportunidade de viver seus sonhos e participarem de competições internacionais como Copa 1, Gothia Cup e Norway Cup, e nacionais como campeonato Carioca, Copa Light, campeonato Iguazuano, entre outras a ideia principal é usar o futebol como ferramenta de inclusão social.

## **2 - Justificativa**

Nesse sentido alguns discursos "machistas" do período ditatorial, fazem o com que a figura representada pelo homem como o detentor do poder, o centro do universo, a imagem da mulher acaba sendo banalizada e criando uma

figura de uma mulher submissa aos serviços domiciliares e familiares, sem poder de escolha, atuação política, sem lazer e profissionalização no esporte. (COSTA, 2016)

Outro fator importante para se discutir o futebol feminino é a mídia, a imagem da mulher no esporte tornou se oposto da imagem masculina na mídia esportiva, os homens são vistos pela ótica das suas conquistas, força física, competitividade e a coragem de jogar machucados, já as mulheres são vistas sobre sua aparência física, feminilidade, seus relacionamentos, sexualidade e seu comportamento não competitivo. (Kolnes, 1995)

De acordo Knijkik & Vasconcelos (2003, apud SOUZA & KNIJKIK, 2007, p.40).

Para mulheres que atuam em modalidades nas quais o domínio é masculino, o preconceito e a discriminação são ainda maiores. No futebol brasileiro isso é muito claro. As futebolistas brasileiras têm alcançado ótimos resultados internacionais, porém continuam desconhecidas para o grande público.

### **3. Objetivo**

Analisar o preconceito e as dificuldades encontradas por mulheres na prática do futebol, pós-período proibitivo da modalidade, destacando o gênero, sexualidade e a mídia no futebol.

### **4. Metodologia**

A investigação qualitativa responde a questões muito particulares, a mesma se preocupa com as ciências sociais. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINOYO, 2002).

A presente pesquisa foi realizada com 30 indivíduos, do sexo feminino com no mínimo 13 anos, praticantes de futebol em um projeto social, cujo objetivo do trabalho é a inclusão social utilizando o futebol como ferramenta de trabalho.

Utilizou-se um questionário fechado com seis perguntas, essas perguntas foram respondidas colocando-se um X nas seguintes legendas S= sempre

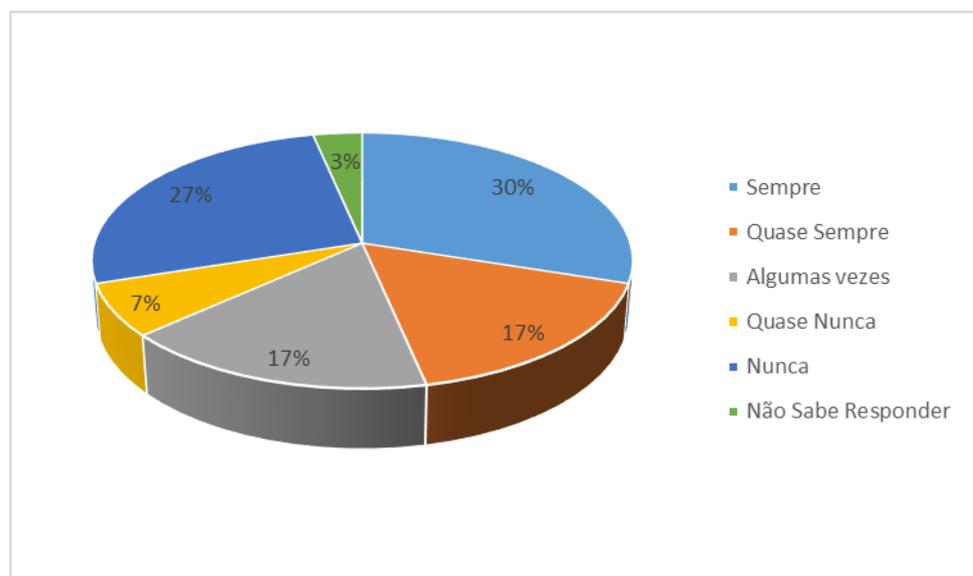
QS= quase sempre AV=algumas vezes QN=quase nunca N=nunca NR=não sabe responder ou não quer responder.

O questionário foi aplicado no dia 03/04/2018 às 15h00min no Projeto Karanba de Futebol situado na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, foi aplicado antes do treinamento das mesmas de forma individual.

Todas as participantes foram informadas sobre o termo de consentimento livre, as participantes com idade inferior a 18 anos os responsáveis foram informados e o mesmo assinaram o termo que possibilitaram que elas participassem da pesquisa, as com idade superior a 18 anos as mesmas assinaram o termo que viabilizou a participação na pesquisa qualitativa.

### 5. Discussão de resultados

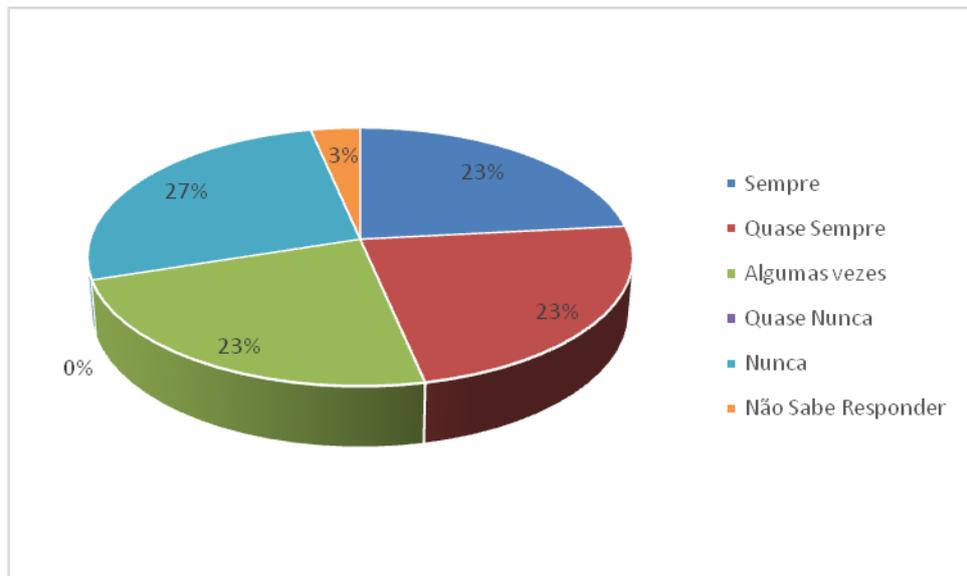
Os resultados da pesquisa apontam que de 100% das entrevistadas 30% já foram questionadas sobre sua sexualidade, 17% quase sempre, outros 17% algumas vezes, 7% quase nunca foram questionadas e 27% nunca passaram por esses questionamentos, 3% não sabem responder ou não querem responder.



**Figura A.** Frequência dos questionamentos sobre sua sexualidade.

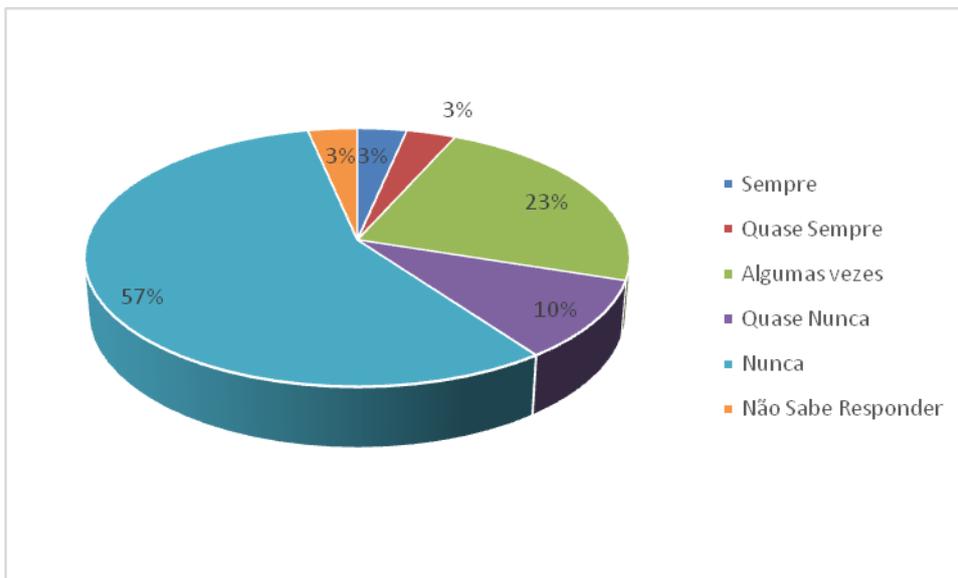
Sobre experiências definidas como preconceito dentro futebol, demonstram que 23% sempre ocorreu algum tipo de preconceito, já outros 23% quase sempre sofrem algum tipo de preconceito relacionado ao futebol, outros 23% as vezes

sentiram algum tipo de preconceito, e 27% das entrevistadas nunca sofreram experiência relacionadas a preconceito por jogar futebol, 3% não sabem responder ou não querem responder se já sofreram algum tipo de preconceito.



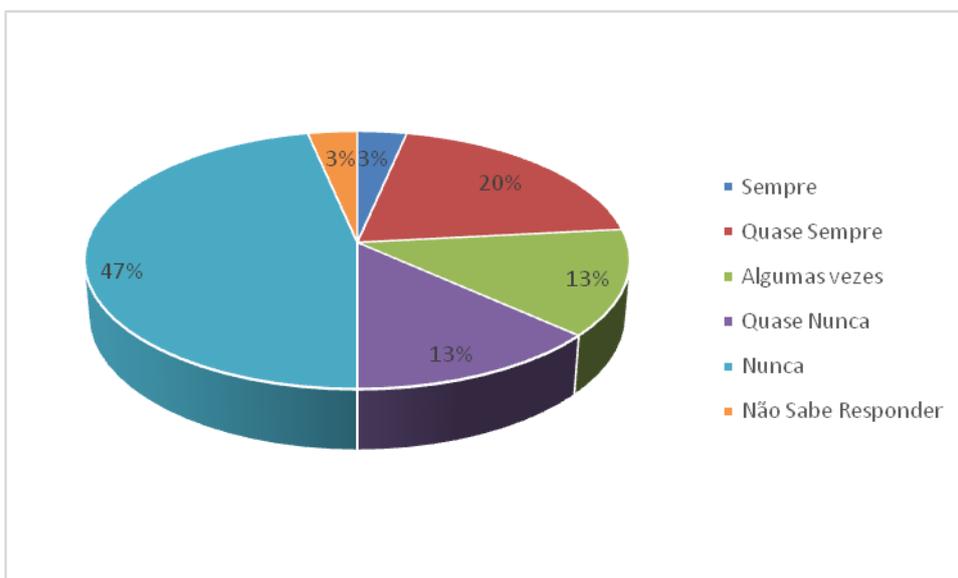
**Figura B.**Experiências definidas como preconceito.

Dados da pesquisa apontam que 3% das entrevistadas sempre sofrem rejeição das meninas que não jogam futebol, 3% quase sempre sofrem essa rejeição, 23% afirmam que as vezes sofrem rejeição de meninas que não jogam futebol, 10% quase nunca sofrem rejeição e 57% das participantes da pesquisa dizem que nunca sofrem rejeição, 3% não sabem responder ou não querem responder se sofrem rejeição das meninas que não praticam essa modalidade esportiva.



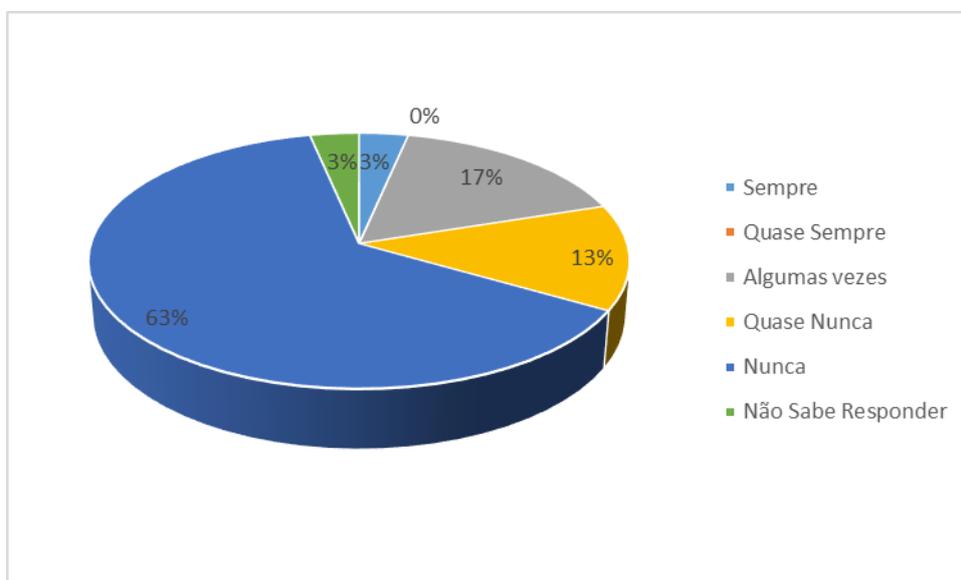
**Figura C.** Rejeição por parte das meninas que não jogam futebol .

Sobre rejeição dos meninos que não jogam futebol os resultados apotam que 3% sempre sofre essa rejeição outros 20% quase sempre sofrem rejeição, 13% algumas vezes sofrem rejeição outros 13% quase nunca sofrem e 47% afirmam que nunca sofreram rejeição, 3% afirmam que não sabem responder ou não querem responder.



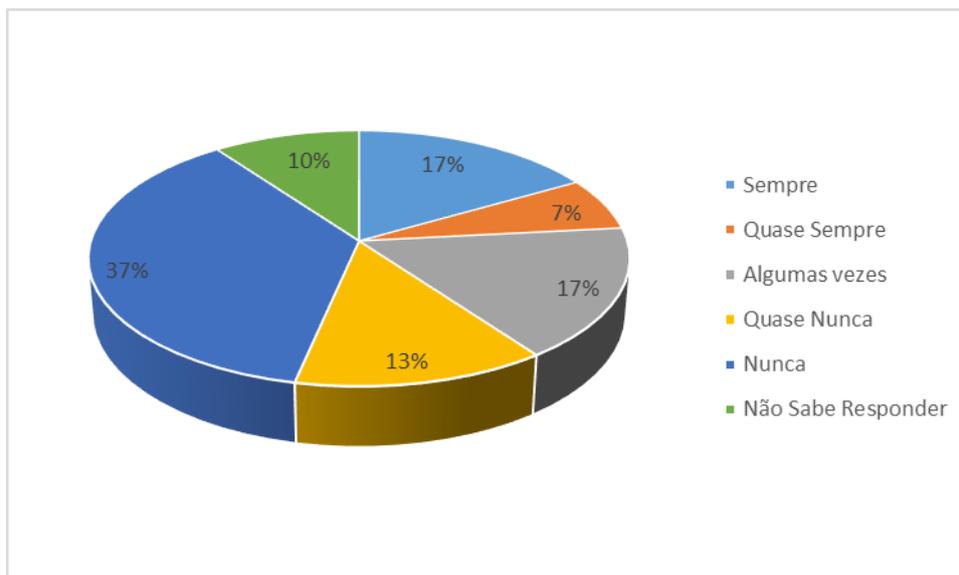
**Figura D.** Rejeição por parte dos meninos que não jogam futebol.

Resultados apontam que de 100% das entrevistadas 3% dizem que sempre sofrem rejeição por parte da família por jogar futebol, 17% dizem que algumas vezes já sofreram esse tipo de rejeição, 13% quase nunca sofrem, 63% nunca sofrem e 3% não sabem responder ou não querem responder se já foram rejeitadas pela família.



**Figura E:** Rejeição por parte da família por jogar futebol.

Sobre sofrer algum tipo de agressão verbal durante um jogo por um menino, das entrevistadas 17% afirmam que sempre sofrem esse tipo de agressão, 7% quase sempre acontece essa situação, 17% algumas vezes foram agredidas verbalmente por um menino, 13% quase nunca sentiram que foram agredidas verbalmente, 37% nunca passaram por esse tipo de agressão, 10% não sabem responder ou não querem responder a essa pergunta.



**Figura F.** Agressão verbal durante o jogo por um menino.

Fazendo um comparativo com o questionário extraído do artigo que foi base para o questionário dessa pesquisa ficou evidente que nos dois casos as entrevistadas foram questionadas sobre sua sexualidade, apesar das pesquisas serem aplicadas em estados diferentes, e em anos diferentes o questionamento sobre a sexualidade das mesmas é um fator que está sempre em evidência. O questionário base foi aplicado no estado de Sergipe, e o questionário da presente pesquisa foi aplicado no Estado do Rio de Janeiro, no município de São Gonçalo.

As meninas são questionadas ou excluídas por conta do seu estereótipo isso ocorre por conta do seu corte de cabelo curto, muitas preferem roupas largas e grandes, e por isso poderiam ser homossexuais, e assim sofrem discriminação por parte do público que acompanha os jogos. (Viana 2012)

Um comparativo sobre as experiências definidas como preconceito no futebol 41% das meninas de Sergipe já sofreram esse tipo de experiência, 23% das entrevistadas de São Gonçalo do Projeto Karanba sofreram experiências definidas como preconceito. Rejeição por parte dos familiares 55% das sergipanas foram rejeitadas por seus familiares, já as gonçalense 63% nunca sofreram esse tipo de rejeição, fica evidente a diferença entre os dois públicos que foram pesquisados,

sobre agressão verbal durante o jogo por um menino 89% das sergipanas já foram agredidas verbalmente por um menino já as gonçalense 17% das entrevistadas já sofreram esse tipo de agressão verbal, 8% das sergipanas nunca sofreram agressão verbal, 37% das gonçalenses nunca passaram por esse constrangimento.

## 6. Considerações Finais

Por fim ficou evidente que as meninas sempre são questionadas sobre sua sexualidade, demonstrando assim que ainda existem preconceito por parte da sociedade, sempre associando a prática da modalidade a sua opção sexual, a pesquisa também revelou que as entrevistadas gonçalense tem o apoio da família para a prática esportiva, seria um indício que o futebol feminino está sendo mais aceito dentro dos lares. Mais ainda ocorrem rejeição por parte dos meninos que não jogam futebol, as meninas deveriam poder praticar a modalidade sem rejeição por parte de qualquer pessoa. Se olharmos o resultado das experiências definidas como preconceito encontramos um quantitativo expressivo que nos traz uma real noção que as meninas ainda sofrem preconceito dentro do futebol.

## 7. Referências

- COSTA MARTINA GONÇALVES BURCH **Perspectivas para o Futebol Feminino: Um estudo a partir do Pelotas/Phoemix** - Revista Brasileira de Futsal e Futebol–2016 Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/502>> Acesso em: 27/02 /18 10h30min.
- DARIDO SURAYA CRISTINA **Futebol Feminino no Brasil: Do seu início á pratica pedagógica** Revista Motriz-Rio Claro–Janeiro/ 2002 Disponível em:
  - [http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274129\\_Darido.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274129_Darido.pdf)  
Acesso 02/03/2018 ás 20h00min
- FERRETTI, ZUZZI, VIANA & VILHA JUNIOR **O futebol feminino nos jogos Olímpicos de Pequim** Revista Motriz-Rio Claro - Janeiro/Março 2011 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a13v17n1.pdf> Acesso: 03/03/2018 ás 21h50min.

- **FRANZINI FÁBIO Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista Brasileira História - São Paulo -Dezembro -2005 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>> Acesso: 27/02/2018 10h40min.
- **GOELLNER SILVANA VILODRE Mulheres e futebol no Brasil: sombras e visibilidades** Revista brasileira de Educação Física e Esporte – São Paulo Abril- Junho 2005 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>> Acesso em 28/02/2018 11h40min.
- **MINOYO M.C.S. Pesquisa social teórica método e criatividade.** 21ªEd- Petrópolis - Editora Vozes, 2002.
- **SALVINI & MARCHI JÚNIOR “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro -** Revista Brasileira Educação Física e Esporte-São Paulo-Abril-Junho 2016 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v30n2/1807-5509-rbefe-30-2-0303.pdf> Acesso em 28/02/2018 12:30min.
- **SANTOS, OLIVEIRA & WICHI As formas de preconceito no futebol feminino** Revista Digital Buenos Aires Maio-2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd180/preconceito-no-futebol-feminino.htm> Acesso: 05/03/2018 às 08h30min.
- **SOUZA & KNIJNIK A mulher invisível gênero e o esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil** São Paulo Janeiro/Março-2007 Disponível em: [http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/Nepaids/mulher\\_invisvel.pdf](http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/Nepaids/mulher_invisvel.pdf) Acesso em 29/03/2018 às 15h00min.
- **VIANA, A.E.S. As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** Campinas 2012 Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275016/1/Viana\\_AlineEdwigesdosSantos\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275016/1/Viana_AlineEdwigesdosSantos_M.pdf) Acesso: 11/05/2018.17:50min.